



# **O MONTADO NO DESENVOLVIMENTO RURAL DO SUDOESTE PENINSULAR**

**CONGRESSO INTERNACIONAL  
21 E 22 SETEMBRO 2018**

**PONTE DE SOR** | CENTRO DE ARTES E CULTURA  
**CORUCHE** | OBSERVATÓRIO DO SOBREIRO E DA CORTIÇA

**LIVRO DE RESUMOS**



## *Alentejo Fell Nature*

**Manuela Murteira**

CIMAA - Comunidade Intermunicipal do Alto Alentejo

[manuela.murteira@cimaa.pt](mailto:manuela.murteira@cimaa.pt)

### **Resumo**

Recentemente estabelecida, a Rede de Percursos em Natureza - Alentejo Feel Nature, estrutura a oferta de percursos pedestres do ALTO ALENTEJO, tirando partido da diversidade de situações deste território, quer pelos percursos que se desenvolvem nos montados da peneplanície, quer nas rotas que se descobrem nas encostas da Serra de São Mamede e ainda nos trilhos das velhas calçadas medievais.

Possuem como denominador comum, o desenvolverem-se, total ou parcialmente, em espaços classificados como Áreas Protegidas, ou integrados na Rede Natura 2000.

Ao todo, são 14 as Áreas Classificadas do Alto Alentejo e abrangem uma área muito significativa deste território, o que testemunha a sua importância em termos de património natural, da biodiversidade e da geodiversidade. Destaque também, para o Parque Natural da Serra de São Mamede e para o Monumento Nacional das Portas de Rodão, sítios onde poderá usufruir de diversas ofertas de rotas para caminhar e conhecer melhor esta região.

De facto, esta rede de percursos pedestres alinhada com o tema Natureza, percorre espaços de montanha e caminhos na peneplanície, cruza cursos de água por poldras ou segue na margem de albufeiras, passa por carvalhais, soutos, montados de azinheiras e sobreiros, pastagens naturais, estepes cerealíferas, hortas, pequenas quintas e grandes herdades.

Serve para descobrir antas e menires, conquistar castelos e fortalezas, fazer vénia a santos abrigados em ermidas, capelas e igrejas, parar em miradouros para deslizar o olhar pelo horizonte, olhar para os céus e seguir o voo de abutres e águias, fechar os olhos e apurar a audição para apreciar o canto do abelharuco, do sisão e do papa-figos.

Os percursos Alentejo Feel Nature foram promovidos pela Comunidade Intermunicipal do Alto Alentejo (CIMAA), através do envolvimento dos 15 municípios do distrito de Portalegre, no âmbito da iniciativa PROVERE InMOTION - Alentejo, Turismo e Sustentabilidade.

Atualmente, a Rede de Percursos em Natureza - Alentejo Feel Nature, conta com 36 Percursos Pedestres de Pequena Rota, com 389km e 3 Percursos Pedestres de Grande Rota, com 126km. No seu conjunto, devidamente sinalizados, totalizam 515kms, os quais podem ser percorridos nos dois sentidos, em total autonomia e segurança, preferencialmente entre os meses de setembro a junho.

## ***Arvoredo de Interesse Público: potencial das espécies do Montado na promoção educativa e turística***

**Raquel Lopes**

Estudante de Doutoramento em Biologia no Centro de Investigação Didática e Tecnologia  
na Formação de Formadores, Universidade de Aveiro  
[raquellopes@ua.pt](mailto:raquellopes@ua.pt)

**Catarina Schreck Reis**

Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra  
[catarina.reis@exploratorio.pt](mailto:catarina.reis@exploratorio.pt)

**Paulo Renato Trincão**

Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra  
[paulo.trincao@exploratorio.pt](mailto:paulo.trincao@exploratorio.pt)

### **Resumo**

O estudo pretende promover as árvores monumentais (i.e., porte, desenho, idade, raridade, representatividade ou significativo valor natural, histórico, cultural ou paisagístico), que em Portugal auferem de proteção legal, com a instituição em 1938, da figura de Arvoredo de Interesse Público (AIP). Com base na análise do Registo Nacional do AIP do Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, desenvolvido entre 1939 e 2012, procedeu-se à recolha do seu número, localização, espécie e tipo de proprietário, nos 278 Municípios, correspondentes às cinco áreas regionais de turismo do território continental. Para além de dados gerais sobre o AIP procedeu-se à análise das espécies florestais dominantes do Montado classificadas. Verificou-se que em 53% dos municípios com AIP, 47% das espécies classificadas são nativas. Quanto às espécies do Montado, o sobreiro (20%) domina em relação a outras espécies, como o carvalho-cerquinho (5%), a azinheira (4%) e o carvalho-negral (1%), cuja localização se sobrepõe à sua natural distribuição geográfica. Contudo os resultados obtidos justificam a necessidade de se contribuir para a compreensão social das árvores monumentais. Com efeito, a autenticidade deste património, aliado ao potencial do nosso território, pode despoletar focos de desenvolvimento local na vertente educativa e turística, ao mesmo tempo que se atua pelo seu reconhecimento e se efetiva a sua proteção.

## ***Montado e Turismo sustentável: a Grande Rota do Montado como estudo de caso***

**C. Carriço**

Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central (CIMAC), Évora, Portugal

[cristina.carrico@cimac.pt](mailto:cristina.carrico@cimac.pt)

**T. Batista**

CIMAC e Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas (ICAAM),  
Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Universidade de Évora, Évora,  
Portugal

[tbatista@cimac.pt](mailto:tbatista@cimac.pt)

**P. Mendes**

Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central (CIMAC), Évora, Portugal

[paula.mendes@cimac.pt](mailto:paula.mendes@cimac.pt)

**J.M. de Mascarenhas**

CIDEHUS – Universidade de Évora e Cátedra UNESCO em Património Imaterial e  
Saber-Fazer Tradicional

[mascarenhas\\_jm@sapo.pt](mailto:mascarenhas_jm@sapo.pt)

### **Resumo**

O Montado é um sistema agroflorestal altamente valorizado, protegido por lei e integrado na Lista Nacional para candidatura a Património Cultural da UNESCO. Ele fornece importantes funções e serviços ambientais e culturais. Este tipo de paisagem multifuncional é muito atrativo para a exploração turística sustentável, através da prática de caminhadas, da observação do património (inclusive do natural, como o avifaunístico), da contemplação e de outras atividades de lazer. O Alentejo Central encontra-se coberto por paisagens de montado (sobreiro e azinho) em cerca de 50% da sua área. A Grande Rota do Montado (GRM), em desenvolvimento pela Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central (CIMAC), está planeada para mais de 1.000 km de rotas pedestres que interligam valores naturais, paisagísticos, arquitetónicos e culturais que todos podem disfrutar ao longo de tais rotas. O objetivo principal da GRM é a criação de uma rede de percursos pedestres que unam as principais aldeias e vilas às paisagens rurais e ao seu património cultural e natural, disponibilizando ao utente situações de bem-estar, promovendo também, simultaneamente a economia local e a preservação do montado.

## **Resumo**

Grândola compreende grande parte do seu território em área de montado, aliás a cortiça foi uma das áreas de maior importância económica durante o séc. XX, através da indústria corticeira.

A Serra de Grândola, assume um importante papel na área de montado do território. Paralela à costa, orientação Norte-Sul, pertence ao Maciço Antigo a Sul do Tejo. Mede cerca de 20 Km de comprimento e atinge a altitude máxima no outeiro da Atalaia – 326 metros. Grande parte encontra-se coberta de sobreiros. A afirmação empírica de que é detentora de uma das melhores cortiças de Portugal e do Mundo, poderá ser uma realidade.

O Turismo de Natureza é uma das formas que o concelho aposta para o desenvolvimento sustentável do seu território de montado, aliado à restante flora e fauna. Em 1997 é criado o percurso pedestre Rota da Serra, o primeiro percurso em Portugal - Pequena Rota (PR1) marcado segundo as normas da Federação. Uma rota circular, com 24 Km, grau de dificuldade médio/alto, de âmbito Ecológico/Paisagístico/Geocaching e BTT. É um dos percursos que atualmente figura em inúmeros guias internacionais de Turismo e Pedestrianismo e com cada vez mais procura turística, pelos mais variados mercados, cujas motivações muitas vezes são propositadas para a sua realização. Outro percurso, marcado segundo as normas da Federação é o Vereda de Melides (PR2), junto à aldeia com o mesmo nome, trata-se de um percurso semelhante ao Rota da Serra, no entanto com 19 Km e um grau de dificuldade médio, que passa por zona de montado, no lado oeste da Serra de Grândola. Mais percursos que atravessam o montado, ou parte, estão traçados, em fase de re- homologação e vários estão em estudo; como a reativação da Grande Rota (GR) 11 E-9, nos trilhos “Santiago do Cacém – Grândola” e “Grândola – Alcácer do Sal”; a reativação do GR 11.1 “Santa Margarida da Serra - Lagoa de Santo André” e a reativação do Vereda das Pedras Brancas, que visa também valorizar o nosso património arqueológico, aliando a natureza à história.

## ***Identidade da Paisagem do montado da Charneca Ribatejana: O Observatório de Paisagem como oportunidade para o desenvolvimento local sustentável***

**Maria da Graça Saraiva**

Investigadora no CIAUD, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.

[gsaraiva@sapo.pt](mailto:gsaraiva@sapo.pt)

**Ana Lavrador-Silva**

Investigadora no CICS.NOVA, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, FCSH,  
Universidade Nova de Lisboa.

[ana.lavrador@sapo.pt](mailto:ana.lavrador@sapo.pt)

**Isabel Loupa Ramos**

Professora Auxiliar no Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura, IST, Universidade  
de Lisboa.

[isabel.ramos@tecnico.ulisboa.pt](mailto:isabel.ramos@tecnico.ulisboa.pt)

### **Resumo**

As paisagens de montado são reconhecidas pelo seu valor intrínseco, natural e cultural, pelos serviços de ecossistemas que prestam à sociedade, bem como pelo interesse económico, constituindo sistemas âncora para o desenvolvimento sustentável das áreas rurais em que se integram.

Estes valores têm vindo a ser encarados com crescente interesse, nomeadamente pela recente proposta de candidatura do montado a Paisagem Cultural da Unesco. Contudo, para além dessa perspectiva, que considera a sua qualidade “única ou excepcional”, será também importante a visão encarada pela Convenção Europeia da Paisagem (CEP), como “território percebido pela população, cujo carácter resulta da ação e interação de factores físicos e humanos”. Nesse contexto, o tema da identidade da paisagem surge como oportunidade de pesquisa. Os valores identitários da paisagem são particularmente significativos, quer no reconhecimento das ligações da população ao seu território, como na criação de imagens promocionais e de atração de visitantes e turistas.

Uma das recomendações da CEP consiste na criação de Observatórios de Paisagem (OP), como plataformas colaborativas de apoio a atuações centradas na sua gestão e valorização. A presente comunicação pretende apresentar o processo de desenvolvimento do Observatório da Charneca (Gaviãozinho, Chamusca) tendo como ‘território de observação’ a unidade de paisagem da Charneca Ribatejana.

Neste âmbito, a pesquisa sobre a identidade desta paisagem constitui um dos temas estruturantes. Por um lado, aprofundando os conteúdos do termo ‘charneca ribatejana’, sob os pontos de vista biogeográfico, etnográfico, literário, entre outros, por forma a caracterizar o território e sua matriz biofísica e cultural, e por outro, analisando relações entre as comunidades locais e a paisagem, nomeadamente as perspetivas dos residentes sobre a sua evolução e transformação.

## ***Montado e Turismo sustentável: a Grande Rota do Montado como estudo de caso.***

**C. Carriço**

Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central (CIMAC)

**T. Batista**

CIMAC and Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas (ICAAM),  
Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Universidade de Évora

[tbatista@cimac.pt](mailto:tbatista@cimac.pt)

**P. Mendes**

Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central (CIMAC)

**J.M. de Mascarenhas**

CIDEHUS – Universidade de Évora e Cátedra UNESCO em Património Imaterial da UE

### **Resumo**

O Montado é um sistema agroflorestal altamente valorizado, protegido por lei e integrado na Lista Nacional para candidatura a Património Cultural da UNESCO. Ele fornece importantes funções e serviços ambientais e culturais. Este tipo de paisagem multifuncional é muito atrativo para a exploração turística sustentável, através da prática de caminhadas, da observação do património (inclusive do natura, como o avifaunístico), da contemplação e de outras atividades de lazer. O Alentejo Central encontra-se coberto por paisagens de montado (sobreiro e azinho) em cerca de 50% da sua área. A Grande Rota do Montado (GRM), em desenvolvimento pela Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central (CIMAC), está planeada para mais de 1.000 km de rotas pedestres que interligam valores naturais, paisagísticos, arquitetónicos e culturais que todos podem disfrutar ao longo de tais rotas. O objetivo principal da GRM é a criação de uma rede de percursos pedestres que unam as principais aldeias e vilas às paisagens rurais e ao seu património cultural e natural, disponibilizando ao utente situações de bem-estar, promovendo também, simultaneamente a economia local e a preservação do montado.

## ***Ecoturismo: Ruta del corcho extremeño***

**Antonio Palomeque Peinado**

Advante Consulting Innovation

[antonio.palomeque.@advanteconsulting.net](mailto:antonio.palomeque.@advanteconsulting.net)

### **Resumen**

#### Introducción

Coordinado por ASECOR - Clúster del Corcho de Extremadura, cinco empresas extremeñas han desarrollado, mediante un proyecto de innovación colaborativa subvencionado por la Junta de Extremadura y FEDER, una campaña de marketing de contenidos de un nuevo producto “Ecoturismo Ruta del corcho extremeño”.

#### Objetivos

Diversificación y mejora de la competitividad de las empresas participantes en el proyecto.

Integración del producto en la oferta turística de Extremadura.

#### Metodología

En el proyecto intervienen la fábrica de tapones “Guillermo Morato”, la bodega-restaurante “Encina Blanca de Albuquerque”, la agencia de viajes “Escapadas Tajo Internacional”, la empresa de actividades de turismo activo y ocio “Adventurex”, y la tienda online de artesanía “Corcho por Naturaleza” que integra una oferta de alojamiento en casa rural, localizadas en la comarca de Sierra de San Pedro-Los Baldíos.

En el proyecto se ha tenido en cuenta su experiencia en “From the bark to the bottle”, un paquete turístico promovido por Cork Forest Conservation Alliance Oregón (EEUU).

Entre los elementos contemplados para el diseño del producto caben destacar las potencialidades turísticas de la comarca Sierra de San Pedro-Los Baldíos, y fundamentalmente, los espacios naturales protegidos de Sierra de San Pedro y el Parque Natural Tajo Internacional, Reserva de la Biosfera UNESCO.

Para la promoción se utiliza la técnica del storytelling, mediante la publicación en Internet de historias contadas por embajadores del corcho.

#### Resultados

Creación de la marca “Ecoturismo Ruta del corcho extremeño”.

Publicación de un portal web del proyecto.

Desarrollo de una campaña de marketing de contenidos.

#### Conclusiones

El producto “Ecoturismo Ruta del corcho extremeño” bajo el paraguas de la marca “Turismo de Extremadura” puede añadir valor a esta, complementando a productos ya existentes, con vistas a fidelizar los actuales clientes e incorporar otros nuevos, ofreciendo rutas de 1, 2 o 3 días de duración.



El proyecto es un claro ejemplo de las ventajas para las empresas y otras organizaciones de innovar en colaboración, y sus resultados pueden ayudar en la mejora de los servicios ecosistémicos del alcornocal presente en las dehesas y bosque mediterráneo, lo que redundará en beneficio de la conservación de los EENN de Sierra de San Pedro y Parque Tajo Internacional, y del desarrollo económico de la comarca Sierra de San Pedro-Los Baldíos.

### ***El ecoetiquetado en la rentabilidad de la dehesa***

**Lorena Rodríguez Lara**  
**Patricia Mora McGinity**  
**Marcos Mayoral Muñoz**  
**Juan Pablo Martín García**  
**Lorenzo de la Cruz**  
**Raquel García Laureano**  
Gestiona Global  
[info@gestionaglobal.es](mailto:info@gestionaglobal.es)

### **Resumen**

Las ecoetiquetas certificadas tipo I comunican algún beneficio ambiental, son otorgados por una entidad independiente y están más orientados a productos de gran consumo destinados a consumidor final. La huella de Carbono es la más común y suele ser la alternativa más utilizada para los bienes consumibles no duraderos y no recuperables. Se recomienda para todo tipo de productos obtenidos de la dehesa como embutidos, miel, setas, frutos secos, leña etc.

En cuanto a las ecoetiquetas tipo II, también denominadas autodeclaraciones ambientales, son declaraciones informativas realizadas por el propio fabricante, son visibles en el producto (frase o logo), no están certificadas por terceras partes y el fabricante define sus propios criterios medioambientales. Procedente de la dehesa puede ser un ejemplo de este tipo de ecoetiqueta.

Por último las ecoetiquetas tipo III, o Declaración Ambiental de Producto se basa en un informe técnico que aporta información cuantitativa sobre el perfil ambiental del producto. Se fundamentan en estudios del Análisis del Ciclo de Vida y deben ser verificables por una tercera parte independiente que se efectúa según una regla de categorización de producto. La primera ecoetiqueta tipo III de Portugal es un aglomerado de cortiça expandida.

***El Turismo como factor de desarrollo económico de la dehesa: análisis de la oferta y de la demanda turística en las dehesas de Extremadura***

**Marcelino Sánchez Rivero**

Universidad de Extremadura

[sanriver@unex.es](mailto:sanriver@unex.es)

**María Cristina Rodríguez Rangel**

Universidad de Extremadura

[mcrisrod@unex.es](mailto:mcrisrod@unex.es)

**Resumen:**

El turismo se ha convertido en una de las actividades económicas más importantes para el desarrollo de territorios rurales, cuya economía se ha basado tradicionalmente en la actividad agrícola y ganadera. En este contexto, la actividad turística puede convertirse en un elemento dinamizador de la economía de la dehesa y en un factor que introduzca nuevas perspectivas en su sostenibilidad. En el presente trabajo, se presenta un completo análisis de oferta y de demanda de dos territorios extremeños en los que la dehesa es el elemento predominante tanto en su economía como en su paisaje: Tajo Internacional y Sierra de San Pedro, en la provincia de Cáceres; y Alqueva, Sierra Suroeste y Tentudía, en la provincia de Badajoz. En estas dos zonas de Extremadura, destinos turísticos emergentes y territorios fronterizos con Portugal, se analiza, por una parte, las principales cifras de oferta turística (número y plazas de alojamientos turísticos, viajeros alojados y pernoctaciones, grado de ocupación y estancia media) y, por otra parte, el perfil del visitante de los mismos (procedencia, motivación, características del viaje, gasto turístico, etc.). A partir de la comparación entre ambos territorios y de ellos con el conjunto de Extremadura, se pretende demostrar, por un lado, que la actividad turística es un complemento sostenible a la actividad económica que caracteriza actualmente a la dehesa y, por otro lado, que la potencialidad de crecimiento de la actividad turística en la dehesa es muy elevada.

## *De la dehesa a los mercados internacionales. Patrones de internacionalización de las empresas familiares del negocio corcho-taponero*

**Francisco Parejo Moruno**

Universidad de Extremadura

[fmparejo@unex.es](mailto:fmparejo@unex.es)

**Jose Francisco Rangel Preciado**

Universidad de Extremadura

[jfrangelp@unex.es](mailto:jfrangelp@unex.es)

**Amélia Branco**

ISEG - Universidade de Lisboa

[ameliab@iseq.ulisboa.pt](mailto:ameliab@iseq.ulisboa.pt)

### **Resumen**

La internacionalización de las empresas familiares se ha convertido en un importante campo de la investigación económica, que puede ser abordado desde diferentes enfoques teóricos. En todos ellos, la perspectiva histórica es una herramienta muy útil, pues el enfoque de largo plazo permite una comprensión más profunda del proceso, de sus características y de su impacto. Este texto analiza el proceso de internacionalización de cuatro empresas familiares que han ejercido el liderazgo en el negocio corchero mundial, tratando de observar la influencia que ha tenido este en el éxito o fracaso de éstas. Se pretende también valorar la contribución del “efecto familia” y el “efecto regional” en la trayectoria de las mismas. Las cuatro empresas estudiadas son las firmas británicas Reynolds y Robinson, paradigmas de éxito comercial en el negocio del corcho hasta el último cuarto del siglo XIX, y posteriormente del fracaso; la empresa de origen catalán Mundet&Sons, que a pesar de su condición de líder evidenció un rotundo fracaso en la segunda mitad del siglo XX; y la portuguesa Corticeira Amorim, que es estudiada aquí como un ejemplo de éxito en el mercado internacional desde mediados del siglo XX hasta la actualidad.

***Perspetivas da Vitivinicultura no Alentejo Central (1888-1899). A relação com o Montado e com a Indústria Corticeira***

**José Calado**

CECHAP – Centro de Estudos de Cultura, História, Arte e Património  
[calado.jose@live.com.pt](mailto:calado.jose@live.com.pt)

**Resumo**

Em 1867, a Filoxera entra em Portugal, pelo norte do país, avançado de forma lenta, mas progressiva, por todo o território continental.

Os milhares de vinhedos que foram destruídos nas principais zonas vinhateiras produziram uma quebra extraordinária na produção de vinho do país, alterando por completo o “mapa vitivinícola nacional”.

A infeção far-se-ia de norte para sul, tornando-se, por esse motivo, o Alentejo e o Algarve nas últimas regiões a conhecerem os efeitos devastadores daquela praga.

Nessa altura, sensivelmente entre 1867 e 1890, uma quantidade crescente de lavradores e agricultores alentejanos, observando a janela de oportunidade que se abriu, direccionaram as atenções para aquela cultura e para a produção de vinho. Muitos terrenos, até aí incultos ou matosos, foram desmatados e desbravados para neles serem plantadas novas e vigorosas vinhas, destinadas, na maior parte dos casos, a uma produção massiva.

Estes terrenos localizavam-se, sobretudo, nas periferias das vilas ou cidades ou nas grandes Herdades, onde confrontavam com os montados de sobro ou de azinho.

Em 1888, uma exposição de vinhos portugueses na Alemanha, definia claramente os principais polos vinícolas alentejanos e identificava as qualidades e as deficiências dos seus vinhos.

Pouco tempo depois, no início da década seguinte, o Alentejo Central é finalmente atingido pela filoxera com todos os constrangimentos que essa situação implicaria.

Pretendemos com esta comunicação, baseando-nos na nossa investigação, responder a algumas das questões que se poderão colocar nesta conjuntura, tais como:

Estaria o Alentejo Central preparado para receber a filoxera? Que mecanismos os produtores acionaram para minimizar o problema? Como eram geridas as grandes propriedades latifundiárias que possuíam vinhas e sobreirais ou azinhais? Os principais polos vinhateiros do Alentejo Central terão feito desenvolver a indústria rolheira na região?



***Redes de comercialización de la empresa familiar Reynolds. Una estrategia de éxito para competir en los mercados internacionales***

**Francisco Parejo Moruno**

Universidad de Extremadura

[fmparejo@unex.es](mailto:fmparejo@unex.es)

**Jose Francisco Rangel Preciado**

Universidad de Extremadura

[jfrangelp@unex.es](mailto:jfrangelp@unex.es)

**Amélia Branco**

ISEG - Universidade de Lisboa

[ameliab@iseq.ulisboa.pt](mailto:ameliab@iseq.ulisboa.pt)

**Resumen**

En la comunicación se analizan, en perspectiva histórica, las redes de comercialización de corcho y productos derivados realizados por la empresa familiar de origen inglesa Reynolds entre 1822, momento del inicio de sus negocios en la península Ibérica, y 1906, último año para el que tenemos información comercial de la empresa, un año después del cierre de su emblemático establecimiento industrial de Azaruja (Évora, Portugal), que ejemplifica la decadencia de la actividad de la empresa en los instantes iniciales del siglo XX.

El objetivo de la comunicación es mostrar el grado de responsabilidad del capital social, o si se prefiere de las redes empresariales y de agentes que fue capaz de tejer la empresa, en su desempeño industrial y comercial en el negocio corchero mundial, en el cual ejerció una posición de liderazgo a lo largo del siglo XIX, compitiendo y colaborando con otras firmas líderes del sector en esa altura, como Robinson y Bucknall, también de origen británico y con estrategias empresariales muy similares.

## ***A cortiça do intelectual: a gestão das herdades de Mário Saa (1893-1971)***

**Ignacio García Pereda**

IHC – CEHFCi/Universidade de Évora

[ignnaccio@hotmail.com](mailto:ignnaccio@hotmail.com)

**Elisabete Pereira**

IHC – CEHFCi/Universidade de Évora

[elisabetejspereira@gmail.com](mailto:elisabetejspereira@gmail.com)

### **Resumo**

Mário Saa, um dos intelectuais mais destacados do Alentejo do século XX, passou boa parte da sua vida numa herdade do concelho de Avis: Pero Viegas. O monte de Pero Viegas, construído nos últimos anos do século XIX pelo pai, constituía a sede da casa agrícola. A família tinha arrendado em 1917 a maior parte das herdades e vivia principalmente desse rendimento.

Mário Saa, não tendo concluído o curso de engenheiro iniciado, dependia assim dos ingressos da agricultura e da cortiça. No arquivo da Fundação Paes Teles existe documentação sobre a administração das herdades nos últimos trinta anos de vida do escritor: desde correspondência com industriais corticeiros, como Américo Amorim, até cartografia das diferentes propriedades. O montado de sobreiro é hoje um tipo de propriedade quase exclusivamente de carácter privado e por esse motivo são quase inexistentes os arquivos particulares onde consultar a história agrária destas grandes propriedades. A existência desta documentação na sede da fundação em Ervedal, possibilita um novo olhar sobre a história agrária do Alentejo no século XX.

## ***O Complexo do Pedrogão no contexto das primeiras sociedades camponesas: breves notas sobre o povoamento neolítico no concelho de Avis***

**Ana Cristina Ribeiro**

Centro de Arqueologia de Avis | Município de Avis  
[ana.ribeiro@cm-avis.pt](mailto:ana.ribeiro@cm-avis.pt)

### **Resumo**

O trabalho que se apresenta integra o projecto de investigação *Território e espaços de morte na Pré-História Recente. Contributo para uma nova leitura do povoamento megalítico no concelho de Avis*. A recente identificação de locais com indícios de ocupação habitacional associados, de forma genérica, ao Neolítico Antigo abre uma nova perspectiva para o conhecimento das opções territoriais relacionadas com o povoamento pré-histórico.

As campanhas realizadas em 2016 e 2017 revelaram-se significativas, não só pelo aumento expressivo de sítios associados à Pré-História, mas sobretudo pela tipologia e enquadramento cronológico de um conjunto considerável de evidências registadas, do qual se destaca o Complexo do Pedrogão.

Numa leitura preliminar, o Complexo do Pedrogão é constituído por diversos testemunhos de ocupação pré-histórica, distribuídos por uma extensa área ao longo da Ribeira de Seda, e incorpora um importante conjunto de evidências de habitat, registando-se também algumas rochas gravadas e exemplares de megalitismo funerário.

De acordo com os dados disponíveis, os locais associados ao Complexo do Pedrogão poderão integrar-se num momento em que a economia de produção começa a surgir, associada à introdução e ao desenvolvimento de novas práticas de manipulação dos recursos naturais e de novas técnicas que justificariam a fixação de comunidades humanas e tendo como consequência a transformação da paisagem e do território.

A diversidade natural e paisagística da região, favorável à disponibilidade de recursos e à circulação inter-regional, terão determinado uma continuidade de ocupação, que se torna evidente para as etapas iniciais do Neolítico e que se consolida com a construção de monumentos megalíticos. O Complexo do Pedrogão assume, assim, um papel determinante no estudo do povoamento pré-histórico nesta região, constituindo um dos eixos prioritários no projecto de investigação em curso.

## ***O Montado nas terras da Ordem. Subsídios para a história do montado em Avis***

**Marta Alexandre**

Centro Interpretativo da Ordem de Avis | Município de Avis

[marta.alexandre2012@gmail.com](mailto:marta.alexandre2012@gmail.com)

### **Resumo**

Não sendo pretensão nossa apresentar um estudo sistemático e aprofundado da História do montado no concelho de Avis, ainda por escrever, pese embora os contributos de vários autores sobre este ou aquele aspecto da sua historiografia, será nossa intenção, enunciar referências documentais que aportam para o sistema complexo do montado, baseado na trilogia solo, animal, homem e que constitui um elemento predominante da paisagem concelhia Avisense.

A paisagem atual compreende-se na relação com o passado, passado no qual se foram estabelecendo e definindo diretrizes resultantes da forma como o homem, nos vários períodos, se relacionou com o seu meio natural. Na compreensão da história do montado há que perceber como se foi formando a geografia social do concelho marcado pela presença da Ordem Militar de S. Bento de Avis. É através da diversa documentação, dependendo dos casos, que de forma mais ou menos explícita, se evidenciam sinergias e vinculações entre o homem e a propriedade. Nos tombos dos Bens Concelhios integrados nos Fundos do arquivo municipal, o Foral Manuelino de Avis, de 1512, Tombos de Bens da Misericórdia, cartas de venda de propriedades da extinta Ordem Militar de S. Bento de Avis observamos modelos de exploração/organização relacional com o território. Desde os Bens dos concelhos, passando pelos maninhos (supervisão de sesmeiro) onde se desenvolviam os chaparraís, depois transformados em montados; as coutadas, forte instrumento de poder sobre o território onde o senhorio se impunha; as herdades, propriedades rústicas pertencentes a particulares ou entidades, onde o montado de sobro ou azinho predomina intercalado com outras culturas, tal como a vinha e o olival definem o perfil de uma terracaracterizada pelo sistema agro silvo pastoril.

A paisagem, marcada pelo grande latifúndio onde a influência de entidades/instituições que desde o século XIII determinaram o uso da terra como a Ordem Militar de S. Bento de Avis, ou mais tarde a Santa Casa da Misericórdia, a Casa de Cadaval, a Inquisição de Évora, o convento S. Paulo de Sousel, ou as Monjas de Abrantes compõem o tecido económico e social. O montado é o elemento transversal na veiculação destas entidades ao território. O montado está presente em todas as dinâmicas historiográficas da vila de Avis plasmada, entre outros domínios tanto na iconografia da Ordem como na do próprio concelho.



## ***El corcho antes de la Guerra Civil: Salvador Robles Trueba y la Comisión Mixta del Corcho***

**Francisco Parejo Moruno**

Universidad de Extremadura

[fmparejo@unex.es](mailto:fmparejo@unex.es)

**Ignacio García Pereda**

IHC – CEHFCi/Universidade de Évora

[ignnaccio@hotmail.com](mailto:ignnaccio@hotmail.com)

### **Resumen**

En cuando a la política corchera, desde 1932 se llevó a cabo en España una labor organizativa para dar representatividad social y técnica al sector, a través de la nueva Comisión Mixta del Corcho (CMC). Ésta, entre otras cosas, intentaría medidas para mejorar la calidad y la venta de los corchos nacionales exportados. En 1932 el sector consideraba “total” la crisis de consumo de productos suberosos.

La CMC contaría con miembros de la patronal industrial, de los obreros y de “la propiedad de los alcornoques”. Los ayuntamientos corcheros del Sur de España tendrían, hasta el inicio de la guerra civil, un representante como vocal, Salvador Robles Trueba (1897-1972), ingeniero de montes contratado por el ayuntamiento de Jerez. Algunos informes de Robles, conservados en el archivo municipal de Jerez, permiten estudiar los objetivos y la acción real de la CMC, así como su participación en eventos internacionales como la Conferencia Internacional Corchera celebrada en Madrid en 1934.

### **Aprovechamiento Pasado, Presente Y Futuro De Las Dehesas Extremeñas**

**Emilio Pascual Herrera González**

Universidad Complutense de Madrid

[emilioph@ucm.es](mailto:emilioph@ucm.es)

### **Resumen**

#### Definición

La dehesa es una extensión rústica con predominio de especies del género *Quercus*, productoras de bellotas como recurso esencial en el esquema de aprovechamientos.

#### Extensión

El MMA da una extensión de 3.997.185 hectáreas de dehesas perennifolias con arbolado de encina, alcornoque, quejigo y acebuche.

### Introducción Histórica

La utilización de la bellota como alimento para la ganadería durante el periodo neolítico en Extremadura, fue el primer paso para la creación del adehesamiento de su campo. Más tarde se empezó por defender este tipo de fincas, contra el uso común de sus pastos, reservándolos solo para determinado tipo de ganado.

El Monasterio de Guadalupe entre 1389 y 1835, aprovechaba sus dehesas para pastos, aunque estas permitieran además el uso agrícola.

Llegó el Monasterio a aglutinar 33.000 hectáreas en esas sus 56 dehesas, en las que en 1752 albergaba a un total de 46.970 cabezas de ganado de su propiedad, amén de ser capaz de emplear en ellas y en sus granjas o caserías, hasta 266 trabajadores fijos más los temporeros.

Uno de los animales más emblemáticos de las dehesas extremeñas ha sido siempre el cerdo ibérico de bellota. Los jerónimos iniciaban el cebo de sus animales porcinos, en la montanera de bellota de encina (*Quercus ilex*), de alcornoque (*Quercus suber*) o de quejigo (*Quercus lusitánica*) con ejemplares porcinos de 12 meses, y 90 kilos de peso. Los años buenos el encinar se beneficiaba, y la montanera se extendía de octubre hasta febrero para que el cerdo pudiese alcanzar hasta los 200 kilos. Las “varas” de cochinos eran de unos 100 cerdos, para los que se tenían vareadores que hacían caer las bellotas de los árboles con objeto de que los animales, las aprovecharan.

Como hito anecdótico, en España en 2017 estaban criando 59.702 cerdas ibéricas.

### Explotación de las dehesas extremeñas, hoy.

A mi juicio, los ganaderos actuales no estamos optimizando la explotación de las dehesas en Extremadura, porque nos hemos empeñado en explotar razas de animales que no son autóctonas, y por ende, contraen enfermedades con mayor facilidad que las que sí lo son.

### El vacuno

Las razas de vaca berrendas, blanca cacereña, e incluso la avileña, son razas esclavas de la tierra, no así la limousine, o la charoláis, que aunque comercialmente los cruces de estas dos últimas con avileña, son las más demandas, nos están empobreciendo la cuenta de resultados.

### El ovino

En cuanto a la oveja se refiere, tanto la entrefina talaverana, como la manchega, como la merina, como la lanca se adaptan bien a las dehesas extremeñas.

### El porcino

El cerdo de bellota que estamos desarrollando para la denominación de origen de Extremadura, es 75% ibérico y 25 % duroc jersey porque la madre es 100% ibérica, y padre 50% duroc-jersey. Estamos obteniendo 2 partos por cochina, y 6 lechones por parto. Los cerdos entran a la montanera con 90 kg. Y salen con 170 kg., de media.

### El corcho

Extraemos cada 9 años las cortezas de los alcornoques sin apenas gastos de mantenimiento en la conservación de este tipo de árbol. La producción de los alcornoques requiere una técnica manual. España produce 88.400 toneladas de corcho que representan el 30% de la producción mundial. Los grandes alcornocales se encuentran en Andalucía, Extremadura y Cataluña. En total, en España hay 506.000 hectáreas de alcornocal (25% del mundo). La facturación del sector supone 350 millones de euros en tapones de botellas de vino, porque de los 100 mejores vinos del mundo, el 99% usan tapón de corcho, en el sector existen unas 150 empresas que dan trabajo a 2.000 personas.. Cada alcornoque dará a lo largo de su vida unas 14 sacas en sus más de 150 años de vida en explotación y 500 si no se le quita el corcho. Los jornales que se

pagan en la saca son de 60€ al día. Los precios del corcho se encuentran entre los 50 y los 120 euros el quintal castellano (46 kilos). De cada alcornoque se sacan 7 kg de corcho por metro cuadrado.

#### Amenazas actuales para la dehesa.

Hace pocos años ha aparecido en las dehesas de encinar y alcornocal españolas y portuguesas, un cancerígeno patógeno más conocido como “la seca”, que está afectando a las raíces de estos árboles, impidiendo que éstos se alimenten e hidraten. Este cáncer tiene su metástasis en toda la parte suroccidental de la península. En España, se han secado por este mortífero fenómeno, el 5 % del total de los Quercus ibéricos.

## ***A genomic contribution to cork formation***

**Ana Ferro**

CEBAL/IPBeja | ICAAM/UÉ

[ana.ferro@cebal.pt](mailto:ana.ferro@cebal.pt)

**Tiago Capote**

CEBAL/IPBeja

[tiago.capote@cebal.pt](mailto:tiago.capote@cebal.pt)

**Esther Menendez**

ICAAM/UÉ

[esthermenendez@uevora.pt](mailto:esthermenendez@uevora.pt)

**Liliana Marum**

CEBAL/IPBeja | ICAAM/UÉ

[liliana.marum@cebal.pt](mailto:liliana.marum@cebal.pt)

## **Abstract**

Cork is a natural product obtained from the outer bark of the cork oak (*Quercus suber*) being one of the most valued products in the forest industry. In Portugal, the cork industry plays an important economic, social and ecological role making it the world leader in the production, industrial processing and trade of cork. Therefore, the quality of cork is a very important parameter in the cork industry, with porosity being one of the main factors. Pores that cross the layers of cork are called lenticular channels or lenticels that are associated to gas exchange processes and are originated by the activity of a specific meristematic tissue, the lenticular phellogen. However, the mechanism behind the formation of these channels is not yet known. In order to monitor the formation of lenticels and the development of phellogen, in this work, studies are being developed in order to identify the differentially expressed gene network in these tissues by transcriptomic analysis. A technique to isolate the different specific cork cells was developed using Laser Microdissection (LCM) technology. Total RNA extraction was optimized for further mRNA amplification and sequencing on an Illumina® platform, via pair-end libraries. Additionally, a system for functional characterization of candidate genes involved in cork formation was developed using a reverse genetic approach. Potato is a model to study periderm formation. Therefore, a potato micropropagation system and *in vitro* microtuberization was used for analyses of overexpression *Q. suber* homologous genes and silencing lines in order to study candidate genes involved in periderm formation. Results will be presented. This study will contribute to disclose the regulatory genes associated to cork formation.



***Can we really say that cork oak agro-forests are sustainable in the Iberian Peninsula?***

**M.L. Arosa**

Centre for Functional Ecology/Department of Life Sciences/University of Coimbra  
[merisinha@hotmail.com](mailto:merisinha@hotmail.com)

**R. Bastos**

Laboratory of Applied Ecology/CITAB – Centre for the Research and Technology of Agro-Environment and Biological Sciences/University of Trás-os-Montes e Alto Douro

**J.A. Cabral**

Laboratory of Applied Ecology/CITAB – Centre for the Research and Technology of Agro-Environment and Biological Sciences/University of Trás-os-Montes e Alto Douro

**H. Freitas**

Centre for Functional Ecology/Department of Life Sciences/University of Coimbra

**S.R. Costa**

Mountain Research Center (CIMO)/ESA/Polytechnic Institute of Bragança  
CBMA – Centre of Molecular and Environmental Biology/Department of Biology/University of Minho

**M. Santos**

Laboratory of Applied Ecology/CITAB – Centre for the Research and Technology of Agro-Environment and Biological Sciences/University of Trás-os-Montes e Alto Douro

**Abstract**

The future of the cork oak agro-forests, a human shaped agro-forestry ecosystem of South Western Europe, is questioned due to the observed lack of cork oak health and low natural regeneration. To predict the long-term sustainability of this agro-forest we developed a System Dynamics Modelling approach by recreating cork-oak population dynamics, management practices and the main environmental and biological constraints associated with this ecosystem. Our results indicate that the leading limitations to cork oak regeneration in montado ecosystems result from the intensity and interaction of land management practices, namely livestock and the use of heavy machinery. The main conclusions indicate that limiting the quantity of livestock up to  $0.40 \text{ LU.ha}^{-1}$ , and considering soil ploughing with a minimum periodicity of 5 years, are crucial to maintain sustainable cork oak populations. This study represents a first step to support strategic options for cork oak agro-forests management by providing projections of long-term population trends under realistic social-ecological change scenarios.

## ***Control of defoliator pests by birds in Mediterranean oak woodlands***

**Ricardo S. Ceia**

MARE – Marine and Environmental Sciences Centre/Faculdade de Ciências e  
Tecnologia/ Universidade de Coimbra  
[ricardoceia@gmail.com](mailto:ricardoceia@gmail.com)

**Rui A. Machado**

MARE – Marine and Environmental Sciences Centre/Faculdade de Ciências e  
Tecnologia/ Universidade de Coimbra  
SPEA – Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves

**Jaime A. Ramos**

MARE – Marine and Environmental Sciences Centre/Faculdade de Ciências e  
Tecnologia/ Universidade de Coimbra

### **Abstract**

Leaf-eating insects (defoliators) are implicated in the recent decline of cork oak (*Quercus suber*) and holm oak (*Q. rotundifolia*) woodlands in the western Mediterranean. Insect-caused defoliation can have significant negative economic and ecological impacts since it decreases tree growth, acorn production and cork quality. Furthermore, repeated defoliation may lead to mortality because trees weakened by defoliation are exceptionally vulnerable to xylophagous pests and pathogenic fungi.

With the purpose of assessing the services provided by insectivorous birds in Mediterranean oak woodlands, a systematic investigation on insect predation by birds was conducted. Approximately 95% of arthropod predation by birds on trees was carried out by only seven passerine species, which, by themselves, represented more than 60% of total bird abundance: blue tit (*Cyanistes caeruleus*), great tit (*Parus major*), crested tit (*Lophophanes cristatus*), chaffinch (*Fringilla coelebs*), Sardinian warbler (*Sylvia melanocephala*), nuthatch (*Sitta europaea*) and short-toed treecreeper (*Certhia brachydactyla*). Local scale variation in cork oak- and holm oak-dominance had little effect on breeding bird communities, although bark-gleaners moderately preferred cork oak. Field experiments demonstrated that bird species can evidence positive responses to localized larval outbreaks of gypsy moth (*Lymantria dispar*) and the sawfly *Periclista andrej*, two major defoliator pests of cork oak woodlands; and that caterpillars are the most, or second-most, common prey consumed by nestlings of blue tit, great tit and nuthatch in Mediterranean oak woodlands, also in non-outbreak conditions. On the whole, this work shows the importance of natural biological control by common resident passerine species in Mediterranean oak woodlands and calls on landowners to consider the effect of management interventions on their populations in order to prevent pest outbreaks.

## ***How to minimize acorn losses by insect predation: implications for livestock management***

**Tara Canelo Hernández**

Universidad de Extremadura

[taracanelo@unex.es](mailto:taracanelo@unex.es)

**Calos Pérez Izquierdo**

Universidad de Extremadura

[cpi1989@hotmail.com](mailto:cpi1989@hotmail.com)

**Álvaro Gaytán De La Nava**

Stockholm University

[gaytan.alvaro@su.se](mailto:gaytan.alvaro@su.se)

**Raúl Bonal Andrés**

Universidad de Extremadura

[raulbonal@unex.es](mailto:raulbonal@unex.es)

### **Abstract**

Acorns are one of the most important food resources for livestock in Dehesa/Montado agroecosystems, where the larvae of the predispersal seed predator *Curculio elephas* (Coleoptera) causes the majority of acorn losses. Infested acorns are dropped prematurely and considered not suitable for livestock feeding. However, little is known about livestock preferences over infested or sound acorns. If livestock consumed infested acorns, it would be very important to assess the rate of acorn mass loss due to *C. elephas* feeding after being dropped. An ideal livestock management would imply maximising infested acorn consumption before the larvae deplete the cotyledons.

We carried out a *cafeteria experiment* in three farms with different types of livestock (pigs, sheep and cows) and found no differences among the consumption rates of sound acorns (no sign of infestation), infested (with oviposition scars but larvae still inside) or with exit holes (larvae left after finishing development). Additionally, we collected acorns from the ground just after being dropped and divided them in 5 groups. The first one was dried just after being collected, the rest were left outdoors to let the larvae develop. From them we extracted randomly groups of acorns at different time intervals that were subsequently dried. In the acorns just dropped larvae have barely started their development and the cotyledon losses are negligible. During the first 15 days infested acorns lose 54% of its mass; in 28 days most larvae have finished their development and the mass losses rise up to 85%. Therefore, livestock eat infested seeds but, to decrease the losses on cotyledon, acorns should be eaten as fast as possible. In the case of Iberian pigs, for example, the onset of the traditional free-range period in the field (November 1<sup>st</sup>) should start earlier in the season to optimize acorn mass intake.

## ***El manejo de los pastos como herramienta mejorante de la dehesa***

**Valentín Maya Blanco**

Junta de Extremadura

[valentin.maya@juntaex.es](mailto:valentin.maya@juntaex.es)

### **Resumen**

Los pastos constituyen la base alimenticia de la ganadería extensiva que se explota en la dehesa, además de aportar múltiples servicios ecosistémicos como son la captura de carbono, el control del flujo de nutrientes, fomento de la biodiversidad, el control de erosión o el mantenimiento de los paisajes.

Las prácticas relacionadas con el manejo del pastoreo buscan optimizar la producción de ganado y mantener la productividad de los pastizales, mediante la minimización del sobrepastoreo, el mejoramiento de la producción forrajera y una mayor diversidad de flora y fauna.

El objetivo de una ganadería extensiva sostenible tiene que ser el incremento del grado de autosuficiencia, minimizando el uso de insumos externos tales como la paja, heno y concentrados.

Con un manejo sostenible de los pastos se consigue una mejor utilización del suelo para la producción y aprovechamiento de factores fundamentales, casi siempre relegados al olvido o a un segundo plano en las explotaciones ganaderas, tales como: energía solar, fotosíntesis y biocenosis. De esta forma se utiliza mejor la energía y se aprovechan factores que permiten la regeneración del suelo y la reutilización de los restos vegetales, disponiendo de nutrientes antes no disponibles para las plantas.

El conocimiento analítico del proceso de la producción de pasto (especies presentes, fisiología, etc) y del proceso de cosecha de forraje en pastoreo (especie ganadera, tiempo de aprovechamiento, climatología, intensidad del aprovechamiento, etc) son fundamentales para avanzar en la comprensión de las relaciones causa-efecto entre suelo, plantas y animales presentes en la dehesa.

Con esta comunicación se pretende poner en valor el conocimiento existente en torno al manejo de los pastos de la dehesa, además de ofrecer al sector modelos de manejo mejorantes del sistema.



## ***A importância do biocontrolo na sustentabilidade do Montado***

**Márcia de Castro Silva**

Unidade Estratégica de Investigação e Serviços de Sistemas Agrários e Florestais e  
Sanidade Vegetal/ INIAV, I.P  
[marcia.silva@iniav.pt](mailto:marcia.silva@iniav.pt)

**Belén Colavolpe**

Unidade Estratégica de Investigação e Serviços de Sistemas Agrários e Florestais e  
Sanidade Vegetal/ INIAV, I.P  
Instituto de Investigaciones Biotecnológicas/Instituto Tecnológico de Chascomús (IIB-  
INTECH) (UNSAM-CONICET) Chascomús/Argentina

**Helena Machado**

Unidade Estratégica de Investigação e Serviços de Sistemas Agrários e Florestais e  
Sanidade Vegetal/ INIAV, I.P

**Augusta Costa**

Unidade Estratégica de Investigação e Serviços de Sistemas Agrários e Florestais e  
Sanidade Vegetal/ INIAV, I.P

**Oscar Ruiz**

Instituto de Investigaciones Biotecnológicas/Instituto Tecnológico de Chascomús (IIB-  
INTECH) (UNSAM-CONICET) Chascomús/Argentina

**Isabel Videira e Castro**

Unidade Estratégica de Investigação e Serviços de Sistemas Agrários e Florestais e  
Sanidade Vegetal/ INIAV, I.P

## **Resumo**

*Phytophthora cinnamomi* Rand é um dos agentes patogénicos mais agressivos que causa podridão em raízes e morte em cerca de 5000 espécies de plantas com perdas económicas avultadas. O montado/dehesa é um importante ecossistema florestal da Península Ibérica e está ameaçado por restrições ambientais agravadas sob a mudança climática global e sob a pressão antropogénica, principalmente relacionada com práticas culturais inadequadas. O sobreiro e a azinheira são suscetíveis à *P. cinnamomi* e por isso, este agente patogénico poderá estar eventualmente envolvido no declínio deste ecossistema. O estabelecimento de pastagens biodiversas, à base de leguminosas, tem sido uma estratégia de gestão bem sucedida na mitigação deste declínio e na sua sustentabilidade, contribuindo também para este sucesso a inoculação das leguminosas com bactérias (rizóbios) que sejam altamente eficazes na fixação de azoto e que também possuam outras atividades promotoras de crescimento de plantas, como por exemplo serem solubilizadoras de fósforo. A importância do azoto no ecossistema é grande e por isso, o aumento deste macronutriente é benéfico para a produção e qualidade da

forragem e para o aumento da matéria orgânica no solo, contribuindo desta forma, para o aumento da fertilidade do solo. Por outro lado, a utilização de bactérias fixadoras de azoto (rizóbios) em combinação com outras (rizóbios ou não) com atividade antagonista contra a *P. cinnamomi* poderá complementar e inovar esta estratégia de estabelecimento e gestão de pastagens e gerar novos bioinoculantes que poderão ter um papel importante na gestão deste ecossistema florestal. Desta forma, o foco principal deste trabalho incidiu sobre a avaliação de bactérias, isoladas dos nódulos de leguminosas de pastagens, como biocontrolo de *P. cinnamomi* e que ao mesmo tempo sejam altamente eficazes como promotoras de crescimento de plantas, especialmente como fixadoras de azoto. Apresentam-se, neste trabalho, os resultados preliminares de algumas bactérias com efeito antagonista à *P. cinnamomi* in vitro.

Temática:

### ***Innovación colaborativa en la cadena de valor del corcho extremeño***

**Antonio Palomeque Peinado**

Advante Consulting Innovation

[antonio.palomeque.@advanteconsulting.net](mailto:antonio.palomeque.@advanteconsulting.net)

## **Resumen**

### Objetivos

Favorecer la competitividad y el crecimiento, tanto en el mercado nacional como internacional, de las Pymes del sector del corcho de Extremadura mediante el fomento de la cooperación empresarial en el seno de un Clúster del Corcho de Extremadura más consolidado, inscrito en el Registro de Agrupaciones Empresariales Innovadoras del Ministerio de Economía, con una mayor presencia internacional, más representativo de la cadena de valor del corcho, incorporando proveedores de conocimiento (universidades, centros de investigación, organismos de transferencia de tecnología, intermediarios de innovación y entidades colaborativas reales o virtuales orientadas a la investigación, centros de formación), ayudando a las empresas a responder a los retos y oportunidades en los ámbitos de la industria 4.0, la economía circular, la bioeconomía y la economía de la biodiversidad y los ecosistemas.

### Alcance

### Actividades

#### De la fase 1 Dinamización y comunicación:

1. Actividades de dinamización: conferencias, talleres, jornadas y uso de redes sociales y otros instrumentos de Internet.
2. Acciones de promoción y difusión del clúster en el ámbito regional, nacional e internacional.

#### De la fase 2 Elaboración de estudios:

1. Elaboración del Plan Estratégico del Clúster del Corcho para conseguir su inscripción como AEI en el Registro.

2. Desarrollo de la documentación y presentación de la solicitud para registro del Clúster en AEI.

De la fase 3 Acciones de soporte a las empresas:

1. Formación dirigida a personal del Clúster y empresas asociadas.
2. Apoyo a las empresas para su participación conjunta en actividades comerciales.
3. Facilitación y presentación de propuestas de proyectos de innovación colaborativa en los ámbitos de la industria 4.0 y otros citados en el objetivo.

De la fase 4 Procesos de dirección del proyecto.

Entregables del proyecto:

1. Plan de comunicación interna y externa.
2. Programa de dinamización y comunicación.
3. Contenidos y materiales de dinamización y comunicación.
4. Plan Estratégico del Clúster del Corcho.
5. Solicitud y documentación que le acompaña para solicitar el registro del Clúster del Corcho en la AEI.
6. Plan y programa de formación de personal del Clúster y empresas.
7. Informes de asesoramiento a empresas del Clúster sobre acciones comerciales.
8. Informes de asesoramiento a empresas del Clúster sobre proyectos colaborativos.
9. Acta de constitución de cada proyecto colaborativo.

***Potenciar as áreas de regeneração natural de sobreiro e de azinheira no montado:  
Resultados preliminares de padrões de ocorrência da regeneração natural***

**Augusta Costa**

Grupo Operacional OakReGeneration/INIAV, I.P.

[augusta.costa@iniav.pt](mailto:augusta.costa@iniav.pt)

**Resumo**

A ausência de regeneração natural de sobreiro e azinheira é a principal ameaça à persistência e sustentabilidade económica e ecológica dos montados, no sul de Portugal. No atual contexto de gestão dos montados e de alterações climáticas, as áreas de regeneração natural, muito apreciadas e acarinhadas pelos proprietários florestais, são cada vez mais restritas e raras,

As áreas de regeneração natural de sobreiro e de azinheira são facilmente identificadas pela presença de arvoredos predominantemente jovens (com alturas até 3 m), muito densos e em povoamentos de estrutura irregular e/ou jardinada. Nestas áreas, a regeneração do arvoredado é um processo longo e espontâneo e a elevada taxa de sucesso tem duas razões principais: (i) as árvores estão bem adaptadas às micro-condições edafoclimáticas e biofísicas locais e; (ii) a pressão antropogénica existente não compromete nem prejudica a sucessão florestal.

O Grupo Operacional OakReGeneration (GO OakReGeneration) assume que a tendência de decréscimo das áreas de regeneração natural de sobreiro e de azinheira nos montados tem de ser contrariada para assegurar a conservação deste sistema de alto valor ambiental. Nesse sentido, e com o objetivo de ampliar a área de ocorrência de regeneração natural com sucesso, o GO OakReGeneration propõe duas ações diretas: (1) aproveitar, gerir e potenciar as áreas de regeneração natural que ocorrem espontaneamente e; (2) mimetizar as condições favoráveis ao aparecimento de áreas de regeneração natural em áreas potenciais.

No âmbito das ações do GO OakReGeneration, de ampliar a área de regeneração natural de sobreiro e de azinheira apresentam-se os primeiros resultados para os padrões de ocorrência de regeneração natural em função do período de exclusão de atividade produtiva e da dinâmica da vegetação espontânea. Estes resultados devem servir de base a recomendações de gestão para a promoção de regeneração natural em montados de sobreiro e de azinho, em condições similares.

## ***Use Of Multispectral Drone Images To Assess Tree Vigour In Dehesa/Montado Agroecosystems***

**Calos Pérez Izquierdo**

Universidad de Extremadura

[cpi1989@hotmail.com](mailto:cpi1989@hotmail.com)

**Tara Canelo Hernández**

Universidad de Extremadura

[taracanelo@unex.es](mailto:taracanelo@unex.es)

**Álvaro Gaytán De La Nava**

Stockholm University

[gaytan.alvaro@su.se](mailto:gaytan.alvaro@su.se)

**Raúl Bonal Andrés**

Universidad de Extremadura

[raulbonal@unex.es](mailto:raulbonal@unex.es)

### **Abstract**

A wide array of remote sensing techniques have been used to evaluate and improve the management of agricultural and forestry exploitations. Multispectral images serve to calculate indexes like the NDVI (vegetation index), which are strongly related with photosynthetic activity. In continuous forest systems satellite images with coarse pixel size provide reliable information about tree vigour. However, this is not the case in agroforestry systems in which trees are interspersed in a matrix of grass, as the trees and the grass may not have the same NDVI signature. In this study we used for the first time multispectral images taken by drones (pixel size 10x10cm) to assess tree vigour in dehesa/montado agroecosystems.

The drone images were taken in 3 dehesa farms both in spring and autumn to measure the NDVI of trees and grass. Due to the great spectral contrast between the dry grass and the trees after summer drought, autumn is the optimal period to automatically digitalize individual canopies based on the vegetation index. An important variation of NDVI values among trees was observed in this season, and autumn and spring NDVI values were correlated across trees. The field measurements of the leaf index showed that those oaks with higher NDVI values were also more vigorous. Contrary to autumn, in spring the marked NDVI contrast between trees and grass disappeared. The vegetation index varied spatially within the farms in this season, and oak NDVI values were correlated with the NDVI of the grass in a radius of 3mts around the canopy. In conclusion, high-resolution multispectral images taken by drones allow assessing oak vigour in dehesas and montados at any time of the year. Satellite images (with a larger pixel size) should be only used in spring with that purpose, when the NDVI of oaks and the surrounding grass are correlated.

## ***A ação assistencial dos industriais corticeiros Robinsons no Alto Alentejo (1870-1910)***

**Ana Isabel Silva**

CHSC/Universidade de Coimbra

Município de Ponte de Sor

[aicps1@sapo.pt](mailto:aicps1@sapo.pt)

### **Resumo**

Uma recente investigação de fundo constatou, para o caso do Alto Alentejo no período da Monarquia Constitucional (1834-1910), a forte participação do setor público no plano assistencial, não só enquanto regulador ou fiscalizador da ação privada, mas com intervenção direta ao nível da gestão e do financiamento do socorro à infância desvalida e da assistência na doença. No entanto, salientou também a manutenção da importância histórica das misericórdias no setor privado, principalmente na assistência hospitalar, e alguns contributos individuais inspirados em sentimentos filantrópicos e/ou caritativos, integrados em estratégias de poder por parte dos grupos dominantes, designadamente no plano asilar, destinados à infância e à pobreza inválida. Entre estes contributos contam-se os da família de industriais corticeiros Robinson, que nos propomos analisar nesta comunicação. Os Robinsons destacaram-se pela participação na assistência à infância desvalida e pela promoção de um debate teórico, com resultados práticos, acerca do papel relativo do Estado e do setor privado na assistência em geral. Concretamente, estiveram representados na Associação Protetora do Asilo Distrital de Infância Desvalida, desde o início (1873), pelo próprio George Robinson, a esposa, Sarah Ann Robinson, e o tio, Thomas Frederick; os membros do casal Robinson foram, de resto, os sócios que, entre 1873 e 1884, contribuíram com as quotas mais elevadas. Por outro lado, estiveram associados à criação da Creche João Batista Rolo (Portalegre, 1905), que apresentava as características típicas destas novas instituições da assistência infantil, nomeadamente, dever-se à iniciativa privada, enquanto prática filantrópica das elites locais, ser motivada por princípios higienistas, sendo o seu instituidor um médico, e estar associada a uma grande unidade industrial, a Fábrica Robinson. Estiveram ainda no centro do debate ideológico que levou à criação da Associação Protetora dos Pobres de Portalegre (1906).



***Capital social e estratégias cooperativas no setor corticeiro alentejano oitocentista, um fator de desenvolvimento?***

**Carlos Manuel Faísca**

Universidad de Extremadura

Município de Ponte de Sor

[csantosa@alumnos.unex.es](mailto:csantosa@alumnos.unex.es) | [carlos.faisca@cm-pontedesor.pt](mailto:carlos.faisca@cm-pontedesor.pt)

**Resumo**

Recentemente têm surgido diversos estudos que apontam a existência de capital social em torno de uma empresa, ou seja, da criação de uma rede de relações formais e informais de cooperação com diversos agentes económicos, como uma forma de potenciação de vantagens competitivas no seio empresarial. A partir deste conceito, um conjunto de autores (Rangel

Preciado, Parejo Moruno e Branco, 2017) identificou a existência de estratégias de criação de capital social como um importante fator de desenvolvimento empresarial do grupo corticeiro oitocentista Reynolds, sobretudo no aprovisionamento de matéria-prima e na posterior comercialização de produtos transformados nos mercados internacionais. Esta comunicação pretende seguir a mesma linha teórica, mas ampliando não só o âmbito geográfico do citado trabalho, com recurso a fontes documentais existentes nos Arquivos Distritais de Évora e Portalegre, mas também aos demais grupos empresariais que, em simultâneo, atuavam no território corticeiro alentejano como, por exemplo, a Robinson Cork Grewers, a Henry Bucknall

& Sons, a William Rankin & Sons, a Mundet ou até pequenos empresários de origem nacional.

Com este objetivo, coligir-se-ão, em fontes como os registos notariais dos Arquivos Distritais de Évora, Beja e Portalegre, informações sobre a aquisição cortiça e a outorga de procurações, bem como, em arquivos empresariais, como o fundo documental da Mundet ou da Sociedade de Cortiças, Lda, este último à guarda do Arquivo Municipal de Santiago do Cacém, de informações sobre a constituição de redes internas e externas de apoio às atividades empresariais das citadas empresas. No final, identificar-se-á ou não a proliferação da criação de capital social a todo o setor corticeiro alentejano oitocentista e, em caso afirmativo, desenhar-se-ão as respetivas redes constituídas.

## ***Os corticeiros de Santa Maria da Feira antes de 1974: os papéis de Andersen & Husum***

**Ignacio García Pereda**

IHC – CEHFCi/Universidade de Évora

[ignnaccio@hotmail.com](mailto:ignnaccio@hotmail.com)

### **Resumo**

Nos últimos anos o arquivo municipal do Montijo tem conseguido salvar uma parte dos arquivos de duas empresas corticeiras falidas. Uma delas, Andersen & Husum (AH), constitui uma fonte de informação preciosa para a percepção do negócio corticeiro do terceiro quartel do século XX. Antes de 1974 AH era uma das maiores firmas exportadoras de cortiças de Portugal, quase sem transformação própria, dedicada principalmente à compra de produtos acabados em Portugal, e a sua venda nos mais variados mercados internacionais. Trata-se de um tipo de empresa quase desaparecida atualmente no setor.

Entre os papéis consultados, destacam-se vários relatórios de funcionários da firma, que visitavam regularmente empresas lusas. Um dos destinos principais eram as empresas do concelho de Santa Maria da Feira, onde já se destacavam os irmãos Amorim, sem ser ainda o principal fabricante nacional. Os relatórios da AH são extremamente detalhados sobre a qualidade dos produtos comprados, e os pontos fortes e fracos das firmas visitadas.

***Os trabalhadores das fábricas corticeiras da Mundet & C.<sup>a</sup>, Lda. em Ponte de Sor, Mora e Vendas Novas: contributos para a história económica e social do montado***

**Fátima Afonso**

Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal  
[fatima.afonso@cm-seixal.pt](mailto:fatima.afonso@cm-seixal.pt)

**Fernanda Ferreira**

Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal  
[fernanda.ferreira@cm-seixal.pt](mailto:fernanda.ferreira@cm-seixal.pt)

**Resumo**

A Câmara Municipal do Seixal, através do Ecomuseu Municipal, tem vindo a promover a preservação da documentação da Mundet & C.a, Lda., fundo que abarca o período de funcionamento da empresa (1905-1988) em Portugal, do qual se destaca o Ficheiro de Pessoal da Mundet & Ca Lda. Organizado a partir de 1940, abrange os trabalhadores de todas as fábricas da Mundet (Seixal, Amora, Montijo, Mora, Ponte de Sor, Vendas Novas, depósitos e também dos escritórios de Lisboa) sendo uma valiosa base para a compreensão das relações de produção, da evolução da mão-de-obra na indústria corticeira e da respetiva circulação e transmissão de saberes.

Assim, partindo de uma abordagem histórica, o objetivo principal deste trabalho visa apresentar a caracterização dos trabalhadores que laboravam nas fábricas corticeiras da Mundet & C.a, Lda., localizadas em Ponte de Sor, Mora e Vendas Novas, abordando o estudo e análise deste universo de trabalhadores, das categorias profissionais relacionadas com estas fábricas estabelecidas em áreas de montado, entre outros aspetos ligados ao estudo destas comunidades de operários integrando este estudo no contexto sociocultural e económico da época.

Com base no Ficheiro de Pessoal da Mundet & Ca Lda., apresentaremos uma perspetiva geral da evolução e caracterização dos trabalhadores nestas unidades fabris, apoiada no conhecimento da indústria corticeira em geral e da Mundet & Ca, Lda. em particular, e das relações desta indústria com a mão-de-obra que nela opera, particularmente, numa perspetiva regional, onde estas fábricas se inserem e pela qual são influenciadas, contribuindo assim para a construção do conhecimento sobre a história económica e social do montado em Portugal.

## ***Do montado para a fábrica: A produção de aglomerado negro na Fábrica Robinson. Contribuições para a história do património edificado***

**Susana Pacheco**

Fundação Robinson

[susanalfsdpacheco@hotmail.com](mailto:susanalfsdpacheco@hotmail.com)

### **Resumo**

O presente artigo tem como objectivo analisar a evolução do património edificado da Fábrica Robinson, em particular do edifício onde se produzia o aglomerado negro, um dos produtos mais emblemáticos desta empresa.

Falamos do mais imponente e importante edifício da Fábrica Robinson, onde é possível observar as famosas chaminés, que marcam profundamente a paisagem portalegrense. Trata-se também do primeiro edificado do complexo que constituía a fábrica e, como tal, aquele que mais alterações sofreu (devido às alterações verificadas no *modus operandi* da fábrica) ao longo dos mais de 160 anos de funcionamento desta importante unidade industrial alentejana, uma das mais importantes do país ou do mundo no que diz respeito ao sector corticeiro.

Numa primeira fase, neste edifício realizavam-se as tarefas relacionadas com a produção de rolha, até que, mais tarde (anos 40 do século XX) este passou a estar relacionado com a produção de aglomerado negro.

Em arquitectura industrial nada é deixado ao acaso, todos os espaços têm uma função e um objectivo específicos, procurando-se sempre a obtenção de edifícios funcionais. Neste sentido, importa perceber a forma como a organização espacial influenciava a cadeia técnica, para que se consiga entender o património edificado que compõe este riquíssimo conjunto.

Numa análise como aquela que aqui se pretende fazer, também não podemos descurar o produto em si, ou seja, o aglomerado negro, pelo que importa, primeiro que tudo, entender as várias fases da sua produção, para que consigamos perceber a forma como estas estavam articuladas com o edifício em questão.

***El legado de los Robinson: aportes históricos para una contextualización de la fábrica de corcho de Portalegre***

**Maria Dolores Palazón Botella**

Universidad de Murcia

[mdolorespb29@gmail.com](mailto:mdolorespb29@gmail.com)

**Resumen**

La fábrica “Robinson” ha pasado de ser un icono industrial a convertirse en un legado patrimonial que testimonia la progresión del sector corchero en Portugal. Su recuperación está permitiendo recomponer su historia y conocer la compleja relación que a veces tuvo con la ciudad que fue su sede, Portalegre, y sus gentes. Analizar la misma a través de la progresión de las razones sociales que la dirigieron y la evolución en su producción nos permitirá conocer estos aspectos y la manera de afrontar la conexión de la industria con el territorio.

***O sobreiro e a arquitectura de terra no Alentejo - a invisibilidade do que sempre existiu: Análise de exemplos vernaculares e do desenvolvimento de novos produtos turísticos***

**Joana Guerreiro Silva**

Câmara Municipal de Odemira

[joanaquerreirosilva@gmail.com](mailto:joanaquerreirosilva@gmail.com)

**Clara Pimenta do Vale**

CEAU/FAUP

[clara\\_vale@arq.up.pt](mailto:clara_vale@arq.up.pt)

**Pilar Abreu e Lima**

CEAU/FAUP

[mlima@arq.up.pt](mailto:mlima@arq.up.pt)

**Joana Marques**

CEAU/FAUP

[jtmarques@arq.up.pt](mailto:jtmarques@arq.up.pt)

**Resumo**

A partir da década de 80 do século XX as “arquitecturas” de terra começaram a adquirir visibilidade internacional, a qual se foi consubstanciando e consolidando até aos dias de hoje. Portugal, num percurso paralelo mas que não foi indiferente ao contexto internacional, inicia também um lento processo de reintrodução das técnicas construtivas em terra. Pela mãos de alguns arquitectos ainda em actividade, foi recolhido o know how junto dos mestres taapeiros e incentivada a reintrodução destas técnicas ao adaptá-las às exigências de desempenho e linguagem arquitectónica contemporâneas. Novas gerações de arquitectos, a que se juntaram novas gerações de construtores (passando dos mestres taapeiros a empreiteiros que cumprem os requisitos modernos de construção), entram em cena, num conjunto de intervenções que se centram maioritariamente na faixa litoral Alentejana.

O ecossistema do montado nas suas diversas vertentes (histórica, paisagística, produtiva, económica, social, cultural, e até arquitectónica) constitui o mais expressivo recurso de que o Alentejo dispõe. A arquitectura de terra está ancestralmente ligada ao montado, com a força da invisibilidade do que sempre existiu.

Nesta comunicação pretendemos analisar a dicotomia montado/construção com terra em meio rural ao longo dos tempos e questionar o seu estado atual. Analisando o ciclo de decadência, que remeteu ao esquecimento os conhecimentos técnicos de construção, cruzamos com a tendência atual de resgate destas técnicas e materiais. O montado, muito associado ao Alentejo, foi o palco permanente que testemunhou todo este processo e é onde, hoje, facilmente se reconhece na paisagem a história traçada pela construção com terra.



## ***Utilização de alimentos de substituição nos Montados do Alentejo no segundo e terceiro quartéis do século XX***

**Ana Fonseca**

ICAAM-UÉvora

[anafonseca@uevora.pt](mailto:anafonseca@uevora.pt)

**Filipe Themudo Barata**

CIDEHUS-UÉvora/Cátedra UNESCO em Património Imaterial e Saber-Fazer Tradicional  
da UÉvora

[ftbarata@uevora.pt](mailto:ftbarata@uevora.pt)

### **Resumo**

Ao longo de sua história, o Montado e as populações que vivem na sua área de influência passaram por períodos críticos, devido a guerras, conjunturas económicas ou climáticas adversas, entre outras situações. Nestes períodos, e conforme os alimentos disponíveis, as populações adaptaram a sua alimentação, utilizando recursos que usualmente não são aproveitados e que estão disponíveis na natureza, usualmente denominados por alimentos de substituição. Estamos a falar de bolota, amplamente utilizada em Portugal, ao longo de diferentes períodos, mas também de sorvas, mançanilhas e saramenhos, pilritos, murtinhos e escaramujos, pútegas, medronhos, raiz de funcho, amoras silvestres, cardos, espargos bravos, entre outros. Um trabalho prévio de prospecção junto de utilizadores destes produtos revelou existir, no património oral das populações, um conjunto significativo de receitas e práticas que permitiam um aproveitamento muito mais sistemático e efectivo dos mesmos.

O conceito de alimentos de substituição surgiu associado aos períodos restritivos da primeira e segunda grandes guerras, em que o racionamento severo de alguns produtos alimentares levou, com frequência, à sua substituição por outros produtos usualmente não utilizados. Alguns destes não substituíam completamente os alimentos originais mas outros ganharam estatuto próprio devido às suas características distintas. Nesta apresentação pretendemos mostrar resultados preliminares sobre a utilização de alimentos de substituição nos Montados do Alentejo, no segundo e terceiro quartéis do século XX.

***¿Saberes especialistas como patrimonio cultural inmaterial? Relaciones socioecológicas, saberes especialistas y alcornocal Mediterráneo***

**Victoria Quintero Morón**

Universidad Pablo de Olavide

[vquimor@upo.es](mailto:vquimor@upo.es)

**Agustín Coca Pérez**

Universidad Pablo de Olavide

[acocper@upo.es](mailto:acocper@upo.es)

**Resumen**

El objetivo de estas páginas es doble: Por una parte, reflexionar sobre la importancia de determinados saberes especializados que son centrales en la conformación y mantenimiento de los alcornocales mediterráneos. Por otra parte, analizar las causas de la invisibilización o no activación de estos saberes como patrimonio inmaterial precisamente en contextos territoriales sometidos a fuertes procesos de patrimonialización de la naturaleza y la cultura. Desde la comprensión de estos bosques como socioecosistemas abiertos y tras atender los aspectos teóricos y metodológicos en los que se basan estos resultados, se analizan los conocimientos prácticos de los cosechadores del corcho en distintos puntos del Mediterráneo, atendiendo a las particularidades técnicas, herramientas, condiciones de trabajo específicas, así como a las transformaciones más relevantes que experimentan en las últimas décadas. A continuación, se describe la situación marginal que ha ocupado el análisis de estas prácticas y conocimientos en lugares donde se han implementado políticas de intensa patrimonialización. Estas son las bases para nuestra reflexión sobre los motivos que han bloqueado o dificultado la puesta en valor de estos saberes y sobre qué lógicas han sustentado estos procesos de patrimonialización. Es desde estas lógicas de resemantización -y de los procesos de mercantilización y reencantamiento identitario que avalan- desde donde podemos comprender cómo interesa dejar caer en el olvido y el desprestigio unos saberes que consideramos determinantes para el futuro de los alcornocales mediterráneos.

## COMISSÃO ORGANIZADORA

**Francisco Manuel Parejo Moruno** | Unviversidad de Extremadura

**José Francisco Rangel Preciado** | Universidad de Extremadura

**Sónia Bombico** | CIDEHUS-Universidade de Évora

**Carlos Manuel Faísca** | Município de Ponte de Sor e Universidad de Extremadura

**Ignacio García Pereda** | OCICEX e CIDEHUS/UÉ

**Gonçalo Cabecinhas** | Município de Coruche

## COMISSÃO CIENTÍFICA

**Amélia Branco**, ISEG-Universidade de Lisboa, Lisboa (Portugal)

**Ángel María Ruiz Gálvez**, Universidad de Murcia, Murcia (España)

**Antonio Miguel Linares Luján**, Universidad de Extremadura, Badajoz (España)

**António Ventura**, Universidade de Lisboa, Lisboa (Portugal)

**Dulce Freire**, ICS-Universidade de Lisboa, Lisboa (Portugal)

**Elisabete Rodrigues**, Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre (Portugal)

**Fernando Javier Pulido Díaz**, Universidad de Extremadura, Plasencia (España)

**Filipe Themudo Barata**, CIDEHUS-Universidade de Évora, Évora (Portugal)

**Francisco Javier Mesías Díaz**, Universidad de Extremadura, Badajoz (España)

**João Carlos Lopes**, ISEG-Universidade de Lisboa, Lisboa (Portugal)

**José Álvarez García**, Universidad de Extremadura, Cáceres (España)

**Luís Loures**, Instituto Politécnico de Portalegre, Elvas (Portugal)

**Marcelino Sánchez Rivero**, Universidad de Extremadura, Badajoz (España)

**Maria de la Cruz del Río Rama**, Universidad de Vigo, Ourense (España)

**Miguel Ángel Márquez Paniagua**, Universidad de Extremadura, Badajoz (España)

**Paulo Brito**, Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre (Portugal)

**Ramón Santiago Beltrán**, ICMC-CICYTEX, Mérida (España)

**Renaud Piazzetta**, Institut Méditerranéen du Liège, Vives (Francia)

**Sergio Riesco Roche**, Universidad Carlos III, Madrid (España)

**Susana Dias**, Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre (Portugal)

**Teresa Pinto Correia**, ICAAM-Universidade de Évora, Évora (Portugal)

**Tobias Plieninger**, University of Copenhagen, Copenhagen (Dinamarca)

**Vasco Gil Mantas**, Universidade de Coimbra, Coimbra (Portugal)

## ORGANIZAÇÃO:



Centro Interdisciplinar  
de História, Cultura e Sociedades  
da Universidade de Évora  
(ICHUS@UEVORA.PGCI@UNIVERSIDADE-DE-ÉVORA.PT)



## CO-FINANCIAMENTO:

